

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

RESUMO:

No presente artigo analiso contribuições de espaços museológicos no resgate, preservação e valorização das memórias LGBTI+, tendo como objeto de análise a exposição “Cidade de Protesto”, exibida na Livraria Aberta, em Portugal. Por meio de uma análise qualitativa, que compreende visitas de campo e pesquisa bibliográfica, investigo como este espaço opera como ferramenta pedagógica e de resistência, especialmente a partir do caso Gisberta como ponto de inflexão nas disputas LGBTI+ portuguesas. Os resultados demonstram que tais iniciativas denunciam diferentes vulnerabilidades e valorizam formas de resistência, promovendo a autoestima e o (re)conhecimento das populações LGBTI+. A pesquisa evidencia necessidade de espaços culturais que garantam o resgate e preservação das memórias de populações historicamente excluídas, demonstrando que a memória não é algo natural, mas alvo de disputa constante e passível de (re)articulação.

PALAVRAS-CHAVE:

Memória. Resistência. Museologia. LGBTI+. Espaços Culturais.

ABSTRACT:

in this article, I analyze how museological spaces contribute to the rescue, preservation and valorization of LGBTI+ memories, focusing on “Cidade de Protesto” (City of Protest), exhibited at Livraria Aberta, Portugal. Through qualitative analysis, comprising field visits and bibliographic research, I investigate how this space operates as pedagogical and resistance tool, specially considering the Gisberta case as a turning point in Portuguese LGBTI+ disputes. The results demonstrate that such spaces denounce different vulnerabilities and value forms of resistance, promoting self-esteem and recognition of LGBTI+ populations. The research highlights the need for cultural spaces that ensure the the rescue and preservation of historically excluded populations’ memories, demonstrating that memory is not natural but rather a constant target of dispute and subject to (re)articulation.

KEYWORDS:

Memory. Resistance. Museology. LGBTI+. Cultural Spaces.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

1. Introdução

As sociedades contemporâneas são atravessadas por intensas dinâmicas que produzem transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, habitualmente mediadas por tecnologias que integram cada vez mais o cotidiano. Neste cenário paradoxal, onde tais tecnologias são vistas como sinais de progresso, diferentes vulnerabilidades persistem, notadamente para grupos historicamente marginalizados e excluídos dos projetos de nação.

Populações LGBTI+¹, negra e de mulheres enfrentam diferentes entraves na construção e promoção de reconhecimento e inclusão, tanto em representações sociais quanto em instâncias de organização e regulação social. Neste contexto, os espaços museológicos surgem como importantes espaços pedagógicos não formais que, através da dualidade entre memória e resistência, investem em debates sobre cidadania, direitos humanos e políticas públicas.

Para o presente artigo analiso uma iniciativa que sublinha o papel de espaços museológicos: a exposição “Cidade de Protesto”, de Luísa Fernandes, inaugurada na Livraria Aberta em Portugal. A mostra destaca a dualidade entre a importância destes espaços para a reconstrução da autoestima de populações marginalizadas e as vulnerabilidades² no enfrentamento de memórias oficializadas.

¹ Não há consenso sobre a utilização da sigla, que é contingente, ressignificada, e sujeita a mudanças, disputas e negociações. Recentemente, tem se observado a divulgação de LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais) nas redes sociais e mídias. A sigla vem passando por transformações ao longo dos anos sem definição fixa. Neste artigo, adoto a sigla LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais), sendo o “+” uma forma de incluir pessoas não contempladas pelas outras letras e indicar o caráter contínuo de sua (re)articulação. Outras variações poderão aparecer ao longo do texto, mantendo-se fiéis às citações e falas originais.

² Na sociedade, a população LGBTI+ enfrenta habitualmente diferentes formas de violência, discriminação e exclusão social. Estas dinâmicas são (re)produzidas, mantidas e administradas nas diversas relações institucionais, desdobrando em vulnerabilidades e desigualdades, sejam elas individuais e/ou coletivas. Entre 2019 e 2020, a pandemia de COVID-19 passa a intensificar estas situações, tornando mais notória diferentes vulnerabilidades sociais como, por exemplo, a doméstica. A LGBTI+fobia nesses contextos teve como possíveis consequências desigualdades nas relações interpessoais, falta de acolhimento, sofrimentos e conflitos – sejam eles verbais e/ou físicos. Da mesma forma, dificuldade nas

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

A partir de uma análise qualitativa, em que me aproximo das discussões sobre memória, vulnerabilidades e estudos culturais, investigo como diferentes resistências são constituídas e materializadas por meio da exposição “Cidade de Protesto”. Os espaços museológicos, acompanhados de uma revisão histórico-cultural e educação crítica, desempenham papel crucial no resgate de narrativas que abarquem a diversidade e questionem valores hegemônicos.

O texto está organizado em cinco seções: esta introdução; a metodologia; a análise da Livraria Aberta e da “Exposição Cidade de Protesto”; as discussões sobre memória, vulnerabilidade e resistência; e as conclusões do artigo.

2. Metodologia

A presente investigação é um desdobramento de visitas e observações realizadas na Livraria Aberta em junho de 2024, durante o estágio doutoral³ realizado na Universidade de Aveiro, Portugal. A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa combina: visitas de campo e imersão etnográfica na exposição e a análise temática das obras expostas. Nesse sentido, como foco principal de análise os olhares tiveram atenção para como espaços museológicos têm sido aproveitados para acolher exposições que abordem, por meio das artes visuais, as vulnerabilidades e resistências enfrentadas pelas populações LGBTI+.

A exposição “Cidade de Protesto” destacou-se pela forma como representa manifestações de resistência e afirmação de existências na disputa por direitos, convidando a reflexões sobre as representações e discursos que atravessam diferentes instâncias sociais.

oportunidades de trabalho formal, maior exposição a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e outras situações também são vulnerabilidades comumente enfrentadas por pessoas LGBTI+. (Almeida; Alves, Bastos; Silva; Nascimento; Silva, 2023)

³ O período no exterior foi realizado entre novembro de 2023 e dezembro de 2024, por meio do financiamento do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE)/CAPES/Print.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

As fotografias da Marcha do Orgulho LGBTI+ foram analisadas como registros que possibilitam encontros coletivos e individuais, contestando narrativas oficializadas. Esta análise avalia os espaços museológicos como contextos de “exposição” em duplo sentido: tanto como espaços expositivos como possibilidades de “sair do armário”, rompendo silenciamentos individuais e coletivos.

O estudo é desenhado metodologicamente para investigar como estas iniciativas contribuem para transformar medo, ódio e vergonha em orgulho e resistência, (re)articulando memórias coletivas e individuais.

3. A Livraria Aberta e a Exposição “Cidade de Protesto”

A Livraria Aberta, Inaugurada em 28 de junho de 2021 na cidade do Porto, se autodeclara uma livraria *Queer*. Pensando o *Queer* enquanto disruptivo, como aquilo que escapa às normas (Halberstam, 2020), o espaço promove diferentes ações como exposições, documentários e conversas sobre gênero, sexualidade e memória coletiva⁴, tornando-se um ponto de reflexões e expressões individuais e coletivas.

Em maio de 2024, a livraria inaugurou a exposição “Cidade de Protesto”⁵, de Luísa Fernandes⁶, que apresenta registros fotográficos de diferentes manifestações,

⁴ Outro exemplo é a exposição *disturbia: um roteiro para o passado LGBTQ do Porto*, inaugurada em 20 de setembro de 2024. A mostra é de Pedro Leitão, com texto de apoio de José Rodolfo Lopes da Silva e design gráfico de Mariana Leitão. Em 30 de novembro a exposição foi lançada no formato zine também na Livraria Aberta. Para saber mais, acesse: https://www.instagram.com/p/DC_fnQZM8u2/. Acesso em: 07 Dez. 2024.

⁵ A exposição é composta de um conjunto de imagens capturadas em diversas manifestações que decorreram na cidade do Porto desde o dia 10 de março de 2023, sendo elas a “Marcha do 25 de Abril”, a “Manifestação ‘Vota Contra o Racismo’”, a “Manifestação do Dia da Visibilidade Trans”, a “18ª Marcha do Orgulho LGBTI+”, a “Ação pela Palestina”, a “Manifestação do Dia da Mulher”, a “Manifestação ‘Contra o Fascismo, Somos Mais’”, a “Manifestação Pela Habitação” e a “Manifestação do Dia do Trabalhador”.

⁶ Luísa Fernandes é uma artista portuguesa, nascida na cidade do Porto em 1996. Tirou o Curso de Fotografia no Instituto Português de Fotografia do Porto, e um Mestrado em Fotografia na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. A sua primeira exposição solo decorreu na Livraria Aberta,

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

incluindo a Marcha do Orgulho LGBTI+ do Porto. As fotografias destacam experiências de resistência e disputas por direitos, ilustrando silenciamentos que atravessam diferentes sujeitos.

Este momento coincide com uma intensificação nas disputas sobre memórias em Portugal. Não que as resistências sejam recentes no país, mas percebe-se um aprofundamento do reconhecimento e das conquistas, ainda que insuficientes que passaram a emergir⁷. Apesar desses avanços, também podemos perceber um movimento pendular em que tais políticas se mantêm condicionadas à continuidade de uma sociedade cisheteropatriarcal e burguesa.

no Porto, em maio de 2024. Para saber mais, acesse: <https://byluisa.com/2024/11/15/cidade-de-protesto/>. Acesso em: jan. 2025.

⁷ Apesar de não serem a discussão principal que orienta este artigo, podemos inferir a “avanços” como a realização, em 2003, do 1º Fórum Social Português e a consequente participação das associações LGBT; a aprovação, em 2004, da alteração da Constituição da República Portuguesa que passa a tratar a orientação sexual como fator de não discriminação; e a aprovação, em 2010, a lei do casamento entre pessoas do mesmo “sexo”. Entretanto, tal aprovação, à época exclui a possibilidade de adoção, tendo a sua aprovação somente em fevereiro de 2016 (Cascais, 2020).

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025



Figura 1: Imagem representativa – “Cidade de Protesto” de Luísa Fernandes⁸

As disputas pelas memórias tem efeito incisivo sobre diferentes campos, incluindo a museologia⁹, que passa a acolher narrativas dissidentes. Tais narrativas, até

⁸ As imagens da exposição “Cidade de Protesto” foram gentilmente cedidas pela artista Luísa Fernandes para fins acadêmicos.

⁹ O Museu do Aljube, localizado na região da Alfama, na cidade de Lisboa, Portugal, realizou no ano de 2022 a exposição “Adeus, Pátria e Família”. A exposição foi inaugurada em 28 de Junho de 2022, em comemoração ao dia Internacional do Orgulho LGBTI+, e ficou em exibição na instituição até 29 de Janeiro de 2023. A mostra, que também possui caráter itinerante, remonta as dinâmicas e repressões durante a ditadura e pós-revolução propondo reflexões acerca dos caminhos traçados, mas também aquilo

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

recentemente consideradas – e ainda habitualmente tratadas – como afrontas à suposta ordem natural da sociedade, provocam questionamentos sobre os limites dos caminhos museológicos, do lembrar e esquecer da memória.

Durante o Estado Novo, as políticas de silenciamento e repressão tinham como alvo aquelas/es que praticassem “vícios contra a natureza”. As punições incluíam prisão corretiva, liberdade vigiada e internação em casas de trabalho ou colônia agrícola, podendo ser estendidas por prazo indeterminado. Estas práticas buscavam controlar aquelas/es que atentassem contra as normativas sociais sustentadas pela homofobia doutrinária (Cascais, 2016, 2020).

que ainda deve ser realizado. A mesma possui caráter itinerante sendo, portanto, possível requisitá-la. Onde habita nesse momento a instituição foi um dia uma prisão política de um sistema repressivo durante 37 anos, entre 1928 e 1975. São três andares de visitação em que são mantidas, em algumas partes, experiências e emoções celas coletivas e de isolamento que junto a recursos sensoriais e audiovisuais nos remontam a períodos de silenciamento e enclausuramento daquelas/es que se opunham ao regime ditatorial salazarista, que governou o país entre os anos de 1926 e 1974. Para saber mais, acesse: <https://www.museudoaljube.pt/doc/exposicao-itinerante-adeus-patria-e-familia/> . Acesso em Mar. 2024.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025



Figura 2: Imagem representativa – “Cidade de Protesto” de Luísa Fernandes

A repressão sistemática buscava isolar os movimentos e comunidades, desprovedo-os de representação política formal. O controle das orientações sexuais e identidades de gênero não normativas, julgadas como ameaça à moral e estabilidade social, era fundamental para manter a naturalidade da sociedade cisheteropatriarcal e burguesa.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

As representações na exposição “Cidade de Protesto” colocam sob suspeita paradigmas normatizadores, destacando a importância de resgatar, preservar e divulgar memórias silenciadas. A memória emerge assim como campo de disputa e possibilidade de ressignificação, fundamental para garantir a existência e dignidade humana.

4. Memória e Disputa: a Exposição “Cidade de Protesto” como Território Pedagógico

“A Revolução não foi feita para os paneleiros e as prostitutas”. Esta declaração do General Galvão de Melo¹⁰, antigo membro da Junta de Salvação Nacional Portuguesa, em resposta ao 1º Manifesto da Homossexualidade de 13 de Maio de 1974 de 25 de Abril de 1974, evidencia como mesmo a Revolução dos Cravos¹¹, marco *históricopolíticocultural* da liberdade em Portugal, manteve certas exclusões. Esta episódio ilustra como, mesmo em momentos de (re)articulação democrática, algumas populações permanecem à margem dos projetos de cidadania.

Ao me aproximar da Exposição “Cidade de Protesto”, percebi como os espaços museológicos atuam como “espaços pedagógicos” que deslocam olhares para “além dos muros” das instituições formais de ensino (Lima; Caetano, 2016; Andrade, 2017; Silva; Caetano, 2024; Ferrari; Castro, 2023). Estes espaços, enquanto instâncias não neutras que investem em diferentes momentos entre lembrar e esquecer (Alves, 2021; Alves; Paraíso, 2021;) são exemplos potentes de como a educação pode romper ou reiterar com a memória oficializada, supostamente natural.

¹⁰ Para saber mais, acesse: <https://dezanove.pt/antonio-serzedelo-50-anos-de-stonewall-1264147>. Acesso em: Out. de 2024.

¹¹ Em 25 de abril de 1974, Celeste Martins Caeiro sai do café que trabalhava com um molho de cravos. Ela, então, é Interpelada por um soldado que lhe pede um cigarro. Celeste responde que apenas teria os cravos para oferecer. Esse gesto se multiplica através das pessoas próximas e, futuramente, nomeia o dia como a Revolução dos Cravos. Para saber mais, acesse: <https://amensagem.pt/2022/04/25/grandes-alfacinhas-a-celeste-dos-cravos-chronica-nuno-saraiva/>. Acesso em: Out. de 2024.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Tais instâncias constituem territórios privilegiados para o investimento em políticas públicas inclusivas relacionadas à diversidade das experiências (Baptista; Boita; Escobar; Tedesco; Quintiliano; Ribeiro, 2023; Boita, 2020), onde as disputas por memória e reconhecimento se materializam em práticas cotidianas de resistência.

Judith Butler (2017) argumenta que nós, enquanto sujeitos, temos a capacidade agir contra nós mesmas/os, para que um outro ser possa emergir. Este processo de tornar-se, defende a autora, está intimamente ligado à vulnerabilidade de nossos corpos, uma vez que estamos todas/os sujeitas/os à “captura” de diferentes instâncias que, por sua vez, investem em nossas sujeições. Tal compreensão sobre a nossa constituição nos desloca para reflexões sobre os espaços museológicos e suas práticas. Para nos tornarmos sujeitos, acionamos as nossas memórias, os discursos e representações que codificamos enquanto significantes.

Essas memórias, habitualmente silenciadas e invisibilizadas, desdobram-se em ausências de saberes, espaços e territórios que buscam esvaziar a auto-estima e fortalecer vulnerabilidades sociais, políticas, econômicas e culturais (Boita; Baptista, 2023). Esta relação entre vulnerabilidade e constituição de sujeitos se materializa de forma contundente no caso Gisberta, mulher trans e imigrante brasileira brutalmente assassinada em 2006 no Porto. A exposição “Cidade de Protesto” evidencia esta dinâmica ao retratar a Marcha do Orgulho LGBTI+ do Porto, que surge como resposta e resistência a este episódio, (re)articulando luto em luta e silenciamento em manifestação.

O caso de Gisberta aciona uma ruptura no associativismo LGBTI+ Português, marcando não apenas lutos e indignações, mas também um ponto de encontro para reivindicação de direitos, justiça e reconhecimento. Segundo Judith Butler (2018a), o luto escancara um caráter fundamental de nossas existências: a nossa coexistência. Nos (re)construímos por meio de elos, contextos e experiências que, por sua vez, nos (des)territorializam.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Em Portugal, políticas de promoção e manutenção da cidadania foram implementadas, como a Constituição da República Portuguesa¹² e os Planos Nacionais Para Igualdade de Género, Cidadania e Não Discriminação; a Estratégia de Promoção da Acessibilidade e da Inclusão dos Museus, Monumentos e Palácios 2021-2025; a Educação Para a Cidadania e Diversidade nos Museus; a Lei nº 28/2015 que normatiza sobre a Identidade de género no âmbito do direito à igualdade no acesso ao emprego e no trabalho; dentre outras.

Podemos aludir a resistência de setores políticos, a promoção de políticas que enfrentam a falta de orçamento, falta de conhecimento por parte da população e/ou instituições locais, ataques por parte de setores neoconservadores da sociedade a promoção da diversidade e narrativas dissidentes. Tais ações fomentam a naturalização do neoconservadorismo enquanto racionalidade (Brown, 2024), promovendo a dispersão dos sujeitos e dificultando avanços.

A cultura, assim, torna-se um território privilegiado para pensarmos sobre os diferentes investimentos pedagógicos que (re)emergem e se materializam no cotidiano. A exposição “Cidade de Protesto” e outras iniciativas museológicas indicam que a memória não é algo neutro, mas alvo de disputas e negociações intimamente relacionadas a um projeto de sociedade. Ao investir em diferentes formas de narrar e vivenciar a sociedade, as comunidades e os indivíduos esses espaços também nos convidam para um exercício de (re)imaginação e (re)construção de futuros mais inclusivos e diversos.

¹² O documento foi aprovado em 1976 e passou por sua 7ª (e última, até o momento) revisão em 2005. Em entrevista, Ana Cristina Santos – Socióloga e Investigadora Principal com Habilitação em Estudos de Género no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – destaca que, em 2007, após o assassinato de Gisberta, o Código Penal alterou o artigo 132. Nessa modificação foi previsto um agravamento da pena quando o crime for motivado pelo ódio à orientação sexual ou identidade de género da vítima. Para saber mais, acesse: <https://gerador.eu/rua-gisberta-salce-junior-dar-a-historia-o-que-nao-se-deu-a-vida/>. Acesso em: Dez. 2024.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O caso de Gisberta, ainda presente na memória coletiva, e iniciativas como a exposição mencionada propõem (re)articulações acerca das diferentes existências e vulnerabilidades. Também ensinam sobre a necessidade da inclusão e transformação de estruturas políticas, sociais, culturais e econômicas ao denunciar silenciamentos habitualmente (re)produzidos pela sociedade.

5. Conclusão

A memória não é algo dado, mas alvo de disputa constante sendo, portanto, passível de (re)articulação. Em uma sociedade atravessada por desigualdades, isso toma contornos específicos quando pensamos nos efeitos causados às populações marginalizadas. Essa disputa se manifesta tanto no campo simbólico quanto político, pois a memória oficializada vem habitualmente silenciando diferentes narrativas e experiências.

O presente trabalho analisou contribuições de espaços museológicos na preservação e valorização das memórias LGBTI+, evidenciando como a Livraria Aberta e a exposição “Cidade de Protesto” apresentam a necessidade de investigar e questionar narrativas oficializadas. Ao promover diferentes leituras e possibilidades de futuro, tais práticas permitem suspensões de si mesma/o e de paradigmas cisheteropatriarcais e burgueses, investindo em espaços seguros e momentos de (des)encontros.

Ao resgatar e valorizar memórias marginalizadas, os espaços museológicos possibilitam alternativas críticas ao que é considerado “natural”. A exposição “Cidade de Protesto” surge como ferramenta pedagógica e política que investe na transformação de futuros mais inclusivos, onde o coletivo e o individual convergem para a produção da singularidade.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Referências

Almeida; Gabriel Mácola de; Alves, Mayra Emanuele Magalhães; Bastos, Raquel Rodrigues; Silva, Pedro Bernardes da; Nascimento, Liliane Silva do; Silva, Érica Quinaglia. Formas de vulnerabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil. *Revista Bioética*, v. 31, e3470PT, p. 1-10, 2023. Print ISSN 1983-8042 / Online ISSN 1983-8034. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-803420233470PT>. Acesso em: Dez. 2024.

Alves, Claudio Eduardo Resende. Desvios de gênero em um currículo-museu: encontros e composições com (des)objetos. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. especial, p. 314-340, 2021.

Alves, Cláudio Eduardo Resende; Paraíso, Marlucy Alves. Um currículo-museu com gênero: experimentações para produzir (des)objetos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 21, n. 2, p. 950-968, 2021.

Andrade, Paula Deporte de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. In: *REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 38, 2017. Anais. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_248.pdf. Acesso em Nov. 2024

Baptista, Jean; Boita, Tony; Escobar, Geanine Vargas; Tedesco, Caio de Souza; Quintiliano, Marta; Ribeiro, Lucas. Sexualidade, gênero, raça e classe no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram): por uma guinada queer interseccional e decolonial (texto base para o dossiê "Memória, Museologia LGBTQIA+ e Museus Nacionais"). *Anais do Museu Histórico Nacional*, n. 57, 2023.

Boita, Tony; Baptista, Jean. Memórias e Esquecimentos LGBTQIA+ nos Museus, Patrimônios e Espaços de Memória no Brasil. In: *Museologia comunitária LGBTQIA+ e outros ensaios queer interseccionais*. Tony Boita; Jean Baptista. São Paulo: Museu da Diversidade Sexual, 2023.

Brown, Wendy. *Pesadelo Americano: Neoliberalismo, Neoconservadorismo e Des-democratização*. Tradução: José Rodolfo Lopes da Silva. Revisão técnica: Marcio Caetano; Hudson Cristiano Wander de Carvalho. *Cadernos de Educação*, n. 68, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15210/caduc.vi68.27547>.

Memórias, Protestos e Museologia LGBTI+: (Re)articulações sobre (des)caminhos e cidadanias

JOSÉ RODOLFO LOPES DA SILVA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Butler, Judith. **A vida psíquica do poder**: Teorias da sujeição. Tradução de Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2017.

Cascais, António Fernando. A homossexualidade nas malhas da lei no Portugal dos séculos XIX e XX. *International Journal of Iberian Studies*, v. 29, n. 2, p. 95-112, 2016.

Cascais, Fernando. **Portugal 1974-2010**: da Revolução dos Cravos ao bouquet do casamento. *Mélanges de la Casa de Velázquez. Nouvelle Série*, n. 50-1, p. 163-187, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/mcv.12442>

Ferrari, Anderson; Castro, Roney (Org.). *Produção de Conhecimento em Gênero, Sexualidade e Educação: Dez Anos do Gesed*. Curitiba: Atris, 2023.

Halberstam, Jack. *A arte queer do fracasso*. Tradução: Bhuví Libanio; Prefácio: Denilson Lopes. Recife: Cepe Editora, 2020.

Lima, Carlos; Caetano, Marcio. Em defesa de uma Historiografia Literária Fora Do Armário. *Revista AEDOS*, n. 19, p. 24-36, 2016.

Silva, José Rodolfo Lopes da; Caetano, Marcio. Reescrevendo masculinidades com a publicação Arlindo: solidariedade e produção de si mesmo enquanto possibilidades e a recusa à violência. *Revista Campos*, v. 25, n. 1, p. – 196-221, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5380/cra.v24i2.88094>.